

A ORGANIZAÇÃO “NABAT” NA UCRÂNIA (1919-1920)

Um Nabatoviano

NOTA DA REDAÇÃO DE *DIELO TRUDA*

O artigo publicado abaixo foi extraído de uma longa carta de um anarquista russo, um dos iniciadores e dos mais ativos participantes na Confederação Anarquista “Nabat” na Ucrânia, do qual omitiremos o nome, pois ele foi incessantemente encarcerado, desde 1920, nas prisões bolcheviques: nas Butirkis, nas Solovkis... e agora se encontra deportado na Sibéria.

A estrutura organizacional e política da “Nabat” foi, até aqui, apresentada pelos artigos de Volin, que a retrata como uma organização bastante frouxa, fundada em relações amicais e harmoniosas, estranha à disciplina e à responsabilidade organizacionais, e não reconhecendo nenhuma instância dirigente, do ponto de vista das ideias, no meio anarquista. Agora, dispomos do testemunho de um camarada que esclarece, de maneira distinta, os aspectos organizacionais e políticos da “Nabat”. Esta confederação, não apenas aplicava princípios organizacionais estritos e a responsabilidade coletiva, mas ainda lutava para que eles fossem impostos; ela tendia a tornar-se o *protótipo* de uma organização estruturada, pela qual luta agora o Grupo de Anarquistas Russos do *Dielo Truda*. É nessa direção que testemunha um dos fundadores e ativos participantes da “Nabat”.

É evidente que nela existiam contradições teóricas, por causa da aspiração de alguns de seus membros a dar-lhe a famosa ideologia da síntese do anarquismo. Mas isso não atenuava em nada a força da estrutura da “Nabat”.

Deve-se ressaltar que autor do artigo não se exprimiu suficientemente sobre o desvio centralista dos anarquistas franceses, pois ele considera esse desvio uma reação completamente natural e útil ao caos e à desagregação crônicos que preponderaram nos meios anarquistas, sendo assim solidário, por consequência, a esse desvio. Quanto a nós, entretanto, vemos aí um entusiasmo passageiro, que dará lugar a um federalismo anarquista em estrito acordo com uma responsabilidade ideológica e organizacional.

A Redação de *Dielo Truda*

* * *

Vou retornar à questão da “Nabat”, visto que nossa troca de opiniões foi provisoriamente interrompida em nossa correspondência. Ainda não respondi a algo que foi colocado em uma de suas últimas cartas, pois, por circunstâncias que não dependem de nós, essa carta foi destruída, e, por isso, assim perdi o fio de nossa discussão.

Desse modo, vou responder-lhe resumidamente sobre o cerne dessa questão, pois aparentemente você ainda não compreendeu a natureza real da “Nabat”, em que condições ela foi criada e como ela resolvia os problemas que se apresentaram a ela. O que você chama, se a memória não me trai, de idealismo realista da “Nabat” constituiu seu aspecto verdadeiro e vivo, sua essência real. De início, a “Nabat” não tinha programa homogêneo definido, algo que teria podido resolver todas as questões teóricas e práticas do movimento. *Ela ainda não havia podido elaborá-lo.* E apenas começou a fazê-lo, a partir de alguns princípios metodológicos. Ela inclusive pôde realizar uma parte, sobretudo nas questões de estruturação e organização. Era, de fato, uma União Organizacional com base em alguns princípios gerais e o objetivo de realizar um trabalho organizacional comum dos melhores e mais saudáveis representantes das diferentes tendências anarquistas, daqueles que sentiam a necessidade disso. Os nabatovianos ainda não tinham programa fixo, mas tinham uma orientação comum para resolver uma série de questões desse programa; orientação que se forjava no processo da luta, a partir da experiência vital da revolução, exigindo respostas e soluções imediatas.

As questões táticas ocupavam grande parte de nossas preocupações – os soviets, as uniões de trabalhadores, o exército, o movimento insurrecional, o campesinato etc., estavam na ordem do dia. No mesmo plano, eram tratadas as grandes questões teóricas do programa do movimento. Algumas eram resolvidas, outras estavam a caminho de sê-lo. Uma questão tão importante quanto o problema do período transitório era debatida ininterruptamente entre nós, e foi só na conferência da “Nabat”, em setembro de 1919, que ela foi resolvida, com a formulação da primeira fase da edificação comunista da sociedade, à qual nós nos esforçamos com muitas dificuldades para dar um conteúdo

cada vez mais concreto.

No que diz respeito à estruturação organizacional, uma concepção determinada foi elaborada e realizada com sucesso, em dois níveis: de início, por uma linha política que superava as diferentes tendências do anarquismo; em seguida, pela prática organizacional, a partir da união dos militantes mais determinados e mais dinâmicos, na perspectiva da criação de um movimento saudável e bem estruturado, com a perspectiva de um programa homogêneo.

Essa construção organizacional repousava no princípio do “centralismo federalista”; era, de certa forma, um partido, edificado sobre esse princípio, com uma rede organizacional única, federativamente estruturada. As organizações e os grupos, que dela participavam, eram bem disciplinados e mutualmente responsáveis pela aplicação das posições adotadas. Em particular, eles consideravam como obrigatórias as resoluções e as decisões tomadas nas assembleias gerais, mesmo por maioria simples.

Em resumo, era um movimento bem estruturado e disciplinado com um centro dirigente designado e controlado pela base. E não há por que iludir-se quanto ao papel desse centro; ele não era apenas “tecnicamente executivo”, como habitualmente se convencionou considerá-lo. Era também um “centro dirigente ideológico” do movimento, que se ocupava do trabalho de edições, de agitação e de propaganda, servindo-se do caixa central e, sobretudo, controlando e repartindo as forças e os militantes do movimento, infelizmente pouco numeroso. Desse modo, a “Nabat” era um partido bem estruturado, com uma plataforma coerente e única. Falo de uma plataforma, porque nós ainda não tínhamos um programa homogêneo e definitivo; nós o elaborávamos à medida que vivíamos a experiência revolucionária. Mas a base de acordo mínima, que servia para nossa obra comum, era única e obrigatória a todos os membros da confederação, a tal ponto que o secretariado tinha o direito de tomar medidas para excluir do movimento toda organização que divergisse seriamente da linha geral do movimento, até o congresso seguinte da confederação, em que uma decisão definitiva fosse tomada. Sem temer exagerar, penso que tudo o que se cria entre vós, na França, e em geral tudo o que se fará de saudável no movimento anarquista, no *plano organizacional*, não poderá ir mais longe do que a experiência da “Nabat”. Talvez só alguns detalhes de funcionamento poderão ser melhorados. Desnecessário dizer que

atualmente podemos conceber diferentemente os problemas do futuro partido, seu papel e seu lugar na preparação e na direção das lutas sociais dos trabalhadores, bem como seus laços com os movimentos organizados ou espontâneos dos trabalhadores. Isso é completamente evidente, mas não porque a “Nabat” enganou-se ou resolveu de modo diferente essas questões, pois à época ela só existia *historicamente*, isto é, ela havia sido apanhada na tormenta revolucionária e ainda não tinha alcançado sua *maturidade*, faltando-lhe experiência e tempo para resolver essas questões tão perfeitamente quanto hoje.

[...] Foi sobre a base desses princípios que nosso movimento agiu e desenvolveu-se, arriscando ser considerado “herético” e vilipendiado pelos “ortodoxos”, falastrões de todos os tipos que se recusavam a engajar-se na vida. Os ortodoxos bradavam contra a traição, denunciavam o partido centralista etc. Mas, então, assim como agora, era a voz do passado e a da confusão que se fazia notar, voz da qual devemos nos livrar para nos instalar solidamente no presente e combater pelo futuro.

Um Nabatoviano

Dados técnicos:

* Este texto foi publicado em *Dielo Truda* nº 32, de janeiro de 1928, pp. 12-16.

* Traduzido do russo ao francês por Alexandre Skirda, e do francês ao português por Plínio Augusto Coêlho. Revisado por Felipe Corrêa.